

Seca e migração: a poesia de Patativa do Assaré e o ensino da História Global

 **Assis Daniel Gomes¹**

Bolsista do CNPq - Brasil (nº do processo: 305988/2024-7), Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu, Universidade Estadual do Ceará, Iguatu, CE, Brasil

Resumo

Neste artigo, tencionamos analisar as possibilidades de uso da poesia de Patativa do Assaré como instrumento para o ensino da História Global. Para isso, escolhemos as temáticas que são pertinentes ao chamado campo da História Global, a saber, os temas da emigração e da seca. Nesse intuito, verificamos a coleção de Cordéis de Patativa do Assaré, publicada pela primeira vez em 1993, organizada por Gilmar de Carvalho, editada pela Secretária de Cultura do Estado do Ceará (Secult), financiada pela Universidade Regional do Cariri e Prefeitura de Juazeiro do Norte, em uma caixa com 12 folhetos de cordel, posteriormente, reeditada pela editora da Universidade Federal do Ceará em formato de livro. Utilizaremos a 3ª edição das publicações da UFC, bem como realçamos que as poesias escolhidas para a análise são as seguintes: “A triste Partida”; “Emigração” e “ABC do Nordeste Flagelado”. Enfim, as poesias do referido poeta são valiosas para se transmitir uma gama de assuntos e problematizar temáticas pertinentes à história do Brasil atual.

Palavras-chave: Poesia. Patativa do Assaré. História Global.

Drought and migration: the poetry of Patativa do Assaré and the teaching of Global History

Abstract

In this article, we intend to analyze the possibilities of using Patativa do Assaré's poetry as a tool for teaching Global History. To this end, we have chosen themes pertinent to the field of Global History, namely, emigration and drought. To this end, we examined the collection of Patativa do Assaré's Cordel pamphlets, first published in 1993, organized by Gilmar de Carvalho, edited by the Secretary of Culture of the State of Ceará (Secult), financed by the Regional University of Cariri and the Municipality of Juazeiro do Norte, in a box containing 12 cordel pamphlets, later republished by the Federal University of Ceará's publishing house in book format. We will use the 3rd edition of the UFC publications, and we highlight that the poems chosen for analysis are the following: “A triste Partida” (The Sad Departure); “Emigração” (Emigration); and “ABC do Nordeste Flagelado” (ABC of the Afflicted Northeast). In short, the poems of this poet are valuable for conveying a range of subjects and addressing issues relevant to the history of contemporary Brazil.

Keywords: Poetry. Patativa do Assaré. Global History.

1 Introdução

O texto literário pode ser fonte de conhecimento para o historiador por sua força heurística no que toca ao tempo-espço do sujeito-autor, da obra e suas redes de criação, circulação e recepção (Candido, 2006), bem como aos sentidos que a narratividade, a ficcionalidade, a literariedade/poeticidade. (Vieira, 2025, p.09).

Neste capítulo, tencionamos problematizar as possibilidades de uso da poesia de Patativa do Assaré como instrumento para o ensino da História Global. Para isso, escolhemos as temáticas que são pertinentes ao chamado campo da História Global, a saber, os temas da emigração e da seca. Nesse sentido, vamos trabalhar as poesias publicadas na coleção de Cordéis de Patativa do Assaré, publicada pela primeira vez em 1993, organizada por Gilmar de Carvalho, editada pela Secretária de Cultura do Estado do Ceará (Secult), financiada pela Universidade Regional do Cariri e Prefeitura de Juazeiro do Norte, em uma caixa com 12 folhetos de cordel, posteriormente, reeditada pela editora da Universidade Federal do Ceará em formato de livro. Utilizaremos a 3ª edição das publicações da UFC, bem como realçamos que as poesias escolhidas para a análise são as seguintes: “A triste Partida”; “Emigração” e “ABC do Nordeste Flagelado”.

Esses 12 folhetos de cordel de Patativa do Assaré reunidos nessa coleção foram produzidos em diferentes etapas de sua vida, alguns pertencem ao seu período inicial de formação e aprofundamento sobre essa arte nos anos de 1940, outros à sua fase de amadurecimento e quando já tinha um status de celebridade, momento em que passou a ter visibilidade nas mídias de comunicação nacional. Tal seleção de poesias também se fez devido à importância desses cordéis para o poeta e a visibilidade nacional e internacional que eles tiveram, como também a sua utilização didático-pedagógica no ensino da literatura brasileira e da história do Brasil. Refletirmos, assim, sobre a instrumentalização dessas poesias no ensino da História Global nos ajuda a compreender o processo de diferenciação e os seus deslocamentos. Entretanto, o que entendemos por História Global?

A concepção de História Global que trilhamos é a proposta pelo historiador Sebastião Conrad. Ao olhar para essas temáticas que indicam contatos, interações e conexões, Conrad (2019) enfatiza que a História Global não comunga com a fragmentação e o isolamento de abordagens edificadas pela Ciência Histórica ao longo de sua existência, como a história nacional e regional. Rompendo, outrossim, com essa forma de produzir o saber e de ensiná-lo, propõe uma nova ordem e novas

formas de relacioná-las. Segundo Conrad, uma definição mais ampla dessa perspectiva e de tal processo histórico é a seguinte: História Global “é uma forma de análise histórica que situa os fenômenos, os eventos e os processos em contextos globais” (2019, p.18). Dessa forma, tanto o ensino como a literatura são territórios globais em que colocamos em contato culturas, em que verificamos as influências recíprocas entre o local e o global, cujo método interdisciplinar na prática é vivido e instrumentalizado.

Enfim, o ensino de História Global, por meio da poesia de Patativa do Assaré, é uma forma de caminho para se construir um processo libertador que busque desconstruir traços da colonialidade do saber (Quijano, 2005) presente na história ensinada, por exemplo, as escolhas de conteúdos balizadas pela cultura europeia e a exclusão de temáticas de cunho local, tendo como justificativa que a história desses países faz parte de uma História Universal. Dessa forma, ainda temos traços na forma como pensamos e ensinamos a história no século XXI do modelo eurocêntrico de ensino de história construído no século XIX: é urgente desmontar esse olhar presente nos livros didáticos, nos currículos e nas provas de avaliação externas que direcionam as práticas de ensino no Brasil recente.

2 O ensino de História Global e a poesia de Patativa do Assaré

Pensarmos o ensino de História a partir da perspectiva da História Global é olhar para os resquícios das experiências humanas no tempo de uma forma diferente daquela tradicionalmente formulada desde o século XIX, proveniente da institucionalização da História como uma ciência. Novas perguntas, temas e abordagens são manejadas a fim de não nos deixarmos guiar pela metodologia nacional, cujo centro era o estado-nacional e a finalidade era construir uma identidade patriótica.

Para Machado (2023), tencionamos olhar as conexões e os contatos entre as sociedades, os fluxos e deslocamentos ao se pensar o ensino de História Global, criticando, assim, as delimitações de fronteiras nacionais, de cunho eurocêntrico e ocidental, as quais restringem a análise e não nos ajudam a compreender que os fenômenos históricos são transpassados por esses trânsitos globais. Ponderamos também que os entrelaçamentos, as redes e as conexões presentes no ensino de história nos auxiliam a compreender que o local é global, bem como o global é local.

Essa outra percepção deve desconstruir o prisma do ensino de história no Brasil, estruturado desde o século XIX em bases nacionalistas, o qual colocava como centro a Europa Ocidental, como lugar privilegiado em que ocorreu as experiências humanas consagradas por determinados grupos hegemônicos enquanto história Universal e Mundial, marginalizando todas as outras ao lugar de periferia e de cultura inferior.

A historiadora Elza Nadai nos anos 1990 escreveu o artigo “O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva” (1992/1993), nele faz uma reflexão sobre a história do ensino de história no Brasil, partindo do modelo hegemônico construído no século XIX. Além disso, a autora fez uma análise sobre as condições de seu ensino no Brasil no fim da década de 1990. Para Nadai (1993), o ensino de história ainda estava padecendo pela “crise da história historicista”, mas que outras formas de ensinar e escrever a história indicavam caminhos frutíferos para se ter no futuro uma ciência que buscasse promover a libertação e a emancipação do homem. Essa autora ainda tinha objetivos de traços iluministas ao se pensar na funcionalidade da ciência histórica no século XX no Brasil. Esse seu olhar se pautava pela revolução que se buscava realizar no ensino de história após a ditadura civil-militar (1964-1985). Para Nadai,

A História, a mais política das ciências sociais, tem ressurgido das cinzas (onde a ditadura pensou sepultá-la), tal qual Fênix, mas fortalecida do que nunca. Apesar de ainda existirem “adolescentes que detestam a História” ou que não saibam tantos nomes e datas como antigamente, dificilmente encontraremos quem desconheça o papel da História para ajudá-lo na compreensão de si, dos outros e do lugar que ocupamos na sociedade e no dever histórico. (1993, p. 160)

A referida historiadora nos faz refletir sobre os usos e abusos da história em seu tempo, traçando um horizonte de expectativa positiva para o futuro nacional enquanto um País democrático. No século XXI vivenciamos no Brasil uma exclusão e restrição do ensino de história na educação básica, marcada, dessa vez, pelos interesses mercadológicos, pelo avanço da extrema-direita e dos movimentos que buscam desmontar o ensino, como a “Escola sem partido”. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018 está imersa na realidade de tensões e conflitos vivenciados nas últimas décadas que possuem projetos políticos que combatem narrativas históricas de cunho libertador e emancipatório feitas desde 1985, com o processo de redemocratização brasileira. Para isso, produzem outras narrativas desconstruindo políticas públicas, divulgando notícias falsas e um discurso

negacionista para desmontar o caminho trilhado por alguns historiadores brasileiros desde o final do século XX, como afirmou Elza Nadai.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), edição 2018, temos expressões que remetem à compreensão da história em uma visão global, mas esse texto normativo para o ensino de história no nível básico no Brasil está repleto pela concepção tradicional da história global, sendo usada como sinônimo de universal e total. Portanto, não se tem uma clareza que essa visão global da história possibilita descentralizar temas e quadros históricos afirmados durante séculos que serviram para justificar o poder de determinada classe hegemônica. Destacamos, segundo Carvalho, Girardi e Figueiredo, que,

apesar de o documento chamar a atenção para a constituição de uma visão global sobre a história, é perceptível que sua construção reproduz uma visão eurocêntrica, uma vez que os eventos históricos em destaque são aqueles do Ocidente, e a progressão dos conhecimentos respeita uma determinada narrativa de desenvolvimento e hegemonia europeia. (2021, p. 254-255).

A construção da padronização dos currículos da educação básica no Brasil por meio da BNCC foi também uma maneira de responder às necessidades de setores econômicos que atuam na promoção dos serviços educacionais, tendo assim interesses financeiros como prioritários e mercantilizando a educação básica ao extremo. Nesse sentido, tal documento, ao abordar um dos princípios da História Global, que é o método comparativo, restringe-o ao Ocidente, excluindo outras possibilidades, como também mantendo os mesmos temas e assuntos definidos pela perspectiva tradicional do ensino de história, por exemplo, quando abordamos a Antiguidade Clássica (civilização Grega e Romana). Para Carvalho, Girardi e Figueiredo (2021), a perspectiva da história global nos ajuda a lutar contra o colonialismo internalizado nas metodologias utilizadas na historiografia ainda hoje, por exemplo, temos a resistência de alguns historiadores em aceitar teorias e metodologias que não foram criadas na Europa Ocidental.

Além do método comparativo, buscamos ver a conectividade como ferramenta importante para se pensar as várias temporalidades e espacialidades no ensino de História, indo além das fronteiras colocadas, como as geopolíticas. Na parte da BNCC, em sua edição de 2025, referente ao ensino de história no nível fundamental, identificamos o reforço do caráter comparativo da história como fundamental. Essa nova edição apresenta-nos um conceito de comparação histórica que mais se aproxima da perspectiva da história global, apesar de que as macrocomparações

propostas não estão vinculadas às conexões e aos contextos mais amplos, como defende, por exemplo, o historiador Sebastian Conrad (2019), ao olhá-la como um novo trato teórico e metodológico. Para a BNCC (Brasil, 2025, p. 397), “a comparação em história faz ver melhor o Outro. Se o tema for, por exemplo, pintura corporal, a comparação entre pinturas de povos indígenas originários e de populações urbanas pode ser bastante esclarecedora quanto ao funcionamento das diferentes sociedades”.

Portanto, o ensino de história, segundo essa normatização que está vigorando na educação brasileira atual, propõe que professores e estudantes construam uma atitude historiadora sobre as temáticas estudadas. Usarmos a poesia de Patativa do Assaré nas aulas de história no ensino básico como instrumento de motivação, provocação e construção dessa atitude historiadora é um caminho frutífero, principalmente, no Nordeste brasileiro, cujas poesias patativanas tratam os seus aspectos políticos, sociais e econômicos de uma forma direta.

Patativa do Assaré se considerava um poeta social. Essa sua nomeação se fundamenta no estilo e na forma da lira que produziu. O cotidiano e a tradição oral permeiam a sua obra, utilizando uma atividade que não se limita ao escrito, construindo traços e pontes para o reconhecimento e pertencimento daquele(a) que escuta e presencia a performance de sua lira. Para Carvalho (2009), ele não é um poeta de bancada, não constrói a sua poesia por meio da leitura sem ter a experiência e a aproximação com aquilo que narra: “não burila o verso porque abre mão do rascunho, não empreende a busca da forma perfeita. E sua obra, mesmo escrita, evidencia a dicção da oratória” (Carvalho, 2009, p.117).

As poesias que elegemos para a análise foram publicadas em uma coletânea que traz os cordéis feitos por Patativa, indicando-nos a forma e o estilo literário predominante nessa obra. Portanto, devemos saber das particularidades dessa produção. Para Lacerda e Menezes Neto, “o cordel é um folheto com poemas rimados, que trata de temas diversos, que vão de romances, histórias de valentia, humor, oração, até aos últimos acontecimentos do dia a dia” (2010, p. 224).

Conhecer a fonte histórica trabalhada dentro da sala de aula é fundamental para desconstruir imagens e conseguir visualizar, de forma crítica e analítica, o documento, olhando o seu dito e o não dito, imergindo-o em seu contexto de produção

e sentido¹. Por exemplo, Patativa do Assaré, diferentemente da regra geral na produção do folheto que usava o anonimato, deixava claro a sua autoria. Ele não se dedicou muito a escrever literatura de Cordel, os folhetos que fez foram pelo pedido de José Bernardo da Silva, fundador e proprietário da Tipografia São Francisco de Juazeiro do Norte, empresa especialista, no Nordeste, na produção e distribuição dos folhetos populares entre 1926 e 1982².

Em sua poesia, encontramos presentes a sua consciência e cultura histórica, dando-nos indícios importantes para entendermos o momento de produção de sua lira, como também as várias temporalidades e espacialidades entrelaçadas pelo processo mnemônico em seu ato de criação poético. Entendemos a consciência e cultura histórica a partir dos caminhos indicados pelo historiador Estevão de Rezende Martins. Para ele,

Consciência Histórica é a expressão utilizada contemporaneamente para designar a consciência que todo agente racional humano adquire e constrói ao refletir sobre sua vida concreta e sobre sua posição no processo temporal da existência. Ela inclui dois elementos constitutivos: o da identidade pessoal e o da compreensão do conjunto social a que pertence, situados no tempo [...]. Cultura histórica é o “acervo” dos sentidos constituídos pela consciência histórica humana ao longo do tempo. A Consciência histórica precisa da memória-individual e coletiva como referência dos conteúdos (2019, p.55).

Patativa também teve um contato muito próximo com os avanços tecnológicos de seu tempo, utilizando-os para divulgar a sua poesia, como rádio e TV. Portanto, podemos encontrar uma multiplicidade de temas em sua lira, seja do mundo rural do sertão nordestino, como também urbano, as suas mazelas, alegrias e dificuldades: “Patativa é o poeta de mil facêtas. Decanta o sertão de todos os modos. Invade temas das cidades e até de capitais bonitas e opulentas como o Rio” (Figueiredo Filho, 2005, p. 97).

Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva) nasceu em Assaré (Ceará) em 1909 e morreu em 2002, carregando desde cedo a viola como instrumento fundamental do cantador e de seu poetar. Para se comunicar com os que participavam de seu grupo social, os quais viviam no sertão como ele, escolheu costurar os seus versos mediante o “estilo popular” (Assaré, 2024, p.173). Na poesia “Emigração”, ele canta a pobreza, o deslocamento de sertanejos movidos pela necessidade de

¹ Para Grillo (2008, p.188), “a literatura popular compreende um conjunto de obras em verso ou prosa produzidas por autores despreocupados com o complexo processo de maturação intelectual e os formalismos e rigores da arte culta tradicional”.

² Para Melo (2003), a Tipografia São Francisco mudou de nome em 1980, passando a se chamar Lira Nordestina, como também em 1982 foi vendida para o Governo do estado do Ceará, sendo vinculado hoje a Universidade Regional do Cariri.

conseguir o básico para sobreviver, tratando o Nordeste a partir do Ceará, das experiências vividas no Cariri cearense e nas outras regiões cearenses, que padeciam com os períodos de estiagem e de grandes secas, como 1915 e 1932.

Nesse sentido, utilizou de expressões que aproximavam a sua vivência de sertanejo, movendo o sentimento de pertencimento aos elementos que indicavam a identidade dos que habitavam o Nordeste brasileiro, como “vivo da agricultura” (Assaré, 2024, p.173), “caboclo roceiro” (Assaré, 2024, p.174) e “camponês do sertão” (Assaré, 2024, p.174). Para se tratar o tema da seca e migração na sala de aula, recomendamos primeiro apresentar uma discussão da historiografia sobre o tema, para isso, podemos usar os tópicos do material didático de história que trata sobre a temática e a história do Brasil do século XX, bem como algumas obras historiográficas que poderiam contribuir com o debate, como “A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará” (2000), de Frederico de Castro Neves, e “Engenhos da memória: narrativas da seca no Ceará” (2014), de Kênia Sousa Rios.

Essa narrativa da migração dos sertanejos nordestinos devido à seca é um tema importante para a História Global, pois o deslocamento e o processo migratório são um fenômeno histórico-social que ocorre em todas as partes do globo, sendo eles impulsionados por uma variedade de questões, como políticas, sociais e ambientais. Nesse sentido, ao abordar o processo migratório no século XIX e XX da Europa para o novo mundo, podemos comparar também esse fenômeno em uma perspectiva microespacial dentro do Brasil, por exemplo, do norte para o sul. Nesse sentido, devemos utilizar no ensino de história, a partir da perspectiva global, reflexões sobre o deslocamento e o contato desses povos no Brasil. Por exemplo, isso pode ser alcançado por meio da poesia de Patativa do Assaré, a qual trabalha o sentimento desse imigrante que abandona a sua terra, bem como aborda os seus laços físicos e simbólicos importantes para a sua construção existencial e identitária. Além disso, a sua comparação com a produção de outros poetas que abordam o tema da migração, como o poeta angolano Moisés António e o chileno Rolando Cárdenas, é um caminho profícuo.

Destacamos, outrossim, a crítica social de Patativa referente ao abandono dessas populações menos favorecidas que padeciam com a fome e a exploração dos que possuíam um poder aquisitivo alto. Essa narrativa dramática e traumática buscava expor esse deslocamento do camponês que se transfigurou em um novo sujeito social: o flagelado. Para ele,

Quem quiser ver afeição

Da cara da mãe da peste,
Na pobreza permaneça,
seja agregado e padeça
Uma seca no Nordeste. (Assaré, 2025, p.177)

Em “ABC do Nordeste flagelado”, ele também trata essa saga dos sertanejos em sair de sua terra devido à seca. Destacamos que para o referido poeta o sofrimento desses sertanejos não tem causa restrita nos problemas naturais, mas sociais, políticas e econômicas. O sofrimento do povo estava ligado ao descaso dos poderes públicos que não construíram políticas públicas para amenizar o impacto desses períodos de estiagem, mas os usavam para aumentar o fosso existente entre ricos e pobres no sertão.

Tal poeta critica os usos políticos do dinheiro público em favor dos mais ricos, latifundiários, e os abusos desses ao se aproveitarem do camponês pobre nesse momento de vulnerabilidade, por exemplo, comprando, a preço abaixo do mercado, as suas terras. Para Brito, “se no sertão existe fome e miséria e outras mazelas, isso se dá noutra ordem: pelo descaso político ou por uma visão deturpada de quem o vê apenas na aparência e do lado de fora”, por exemplo, “o título mesmo do poema “Cante lá que eu canto cá” parece indicar isso, ao que o poeta cobra sua autoridade de cantar o sertão” (2010, p. 91).

Nesse momento, quando o sertão se transformou em um cemitério, o agricultor nordestino perdeu a sua colheita, não possuía os créditos necessários para pagar as suas dívidas e se estruturar novamente. Nesse sofrimento, onde seca e fome são os movedores da migração para o sul do Brasil, os (as) sertanejos(as) se deixavam envolver no mito da prosperidade que avançava naquelas terras e na esperança de superar aquela situação de penúria. Nesse sentido, o deslocamento se faz com a dor, os seus traumas e a saudade de sua terra natal eram marcados pela imagem e lembrança da partida, do choro e das condições precárias do transporte utilizado para ir embora de seu lugar: o distanciamento do sertão era um afastamento de si mesmo e daquilo que dava sentido a sua existência no mundo:

L- Lamenta desconsolado
o coitado camponês
porque tanto esforço fez,
mas não lucrou seu roçado
num banco velho, sentado
olhando o filho inocente
e a mulher bem paciente,
cozinha lá no fogão
o derradeiro feijão
que ele guardou para a semente.

M- Minha boa companheira,

diz ele, vamos embora,
e depressa, sem demora
vende a sua cartucheira,
vende a faca, a roçadeira,
machado, foice e facão;
vende a pobre habitação,
galinha, cabra e suíno
e viajam sem destino
em cima de um caminhão. (Assaré, 2025, p.224-225).

Na poesia “A triste Partida”, também o tema da migração e da seca são os norteadores da poesia de Patativa do Assaré, cantando o deslocamento forçado do Nordeste, o qual, ao perceber que a chuva não chegava, se sentia apreensivo com o seu presente e futuro, rememorando o sofrimento passado e marcado em seu corpo: a seca, o “medo da peste” e da “fome feroz” (Assaré, 2025, p. 49).

Nessa poesia, como nas outras, o docente de história pode abordar questões em sua aula além da seca e da migração, como a religiosidade vista enquanto uma força que ajudava o sertanejo a se manter firme em meio ao sofrimento, a ter esperança de que as coisas poderiam melhorar, como também as devoções populares aos Santos que poderiam ajudar pedindo a Deus que mandasse a chuva, como São José.

A poesia oral de Patativa nos ampara a entender que esse deslocamento é uma tomada de consciência que os costumes e os laços sociais devem ser mudados para se adaptar às novas formas de se comportar e viver nas terras que o iriam acolher. Dessa forma, o sentimento de nunca se sentir completo em um lugar, de se sentir um eterno estrangeiro, lembrando diretamente de sua condição por meio do seu sotaque, de suas expressões, de suas práticas de fé, dentre outros aspectos, tornava-se cada vez mais consciente com as tensões e os conflitos vivenciados no cotidiano das novas terras.

De pena e sodade
Papai, sei que morro
meu pobre cachorro
quem dá de comer?
Já outro pergunta:
Mãezinha, e meu gato?
Com fome, sem trato
Mimi vai morrer

E a linda pequena
Tremendo de medo
Mamãe, meu brinquedo
meu pé de fulô
meu pé de roseira
coitado, ele seca
e minha boneca
também lá ficou

E assim vão deixando
com choro e gemido
do berço querido
o céu lindo e azul
o pai, pesaroso
nos fio pensando
e o carro rodando
na estrada do Sul. (Assaré, 2025, p.53).

Dessa maneira, na literatura de Cordel de Patativa, consta-se um poeta que se expressa e se posiciona em relação aos temas sociais de uma forma direta. Nesse sentido, é preciso, antes de trazer essa fonte histórica para ser trabalhada dentro da sala de aula, abordar o tema do foco da aula por meio do debate historiográfico a partir da perspectiva da História Global, posteriormente, apresentar o autor e contextualizar o momento de produção de sua obra, bem como pontuar que, mesmo que ela traga indícios sobre o passado, o escritor tinha outros objetivos em sua produção e criação literária, ou seja, ele não era um historiador de profissão e não tinha a intenção de construção de uma narrativa histórica.

Podemos entender, assim, como essa literatura no Nordeste era um meio de divulgação de mensagens e notícias em um sertão de maior acessibilidade, bem como compreendemos, a partir dela, as relações entre memórias, experiências, imaginação e oralidade. Para Lacerda e Menezes Neto (2010), a literatura de Cordel foi o instrumento de alfabetização de muitos homens e mulheres no sertão nordestino, por exemplo, Patativa do Assaré conseguiu aprofundar os seus estudos, haja vista que passou menos de 6 meses na educação formal, lia o que conseguia, como livros, revistas e a literatura de Cordel que tinha acesso. São, portanto, esses folhetos jornalísticos, ou para Lacerda e Menezes Neto (2010), folhetos do acontecido, que se tornam um recurso importante para as aulas de história, seja no ensino básico ou superior.

Portanto, o uso dessa fonte para o estudo da História Global deve ser em consonância com o livro didático, introduzindo primeiro o tema escolhido, como também realizando uma leitura coletiva do folheto em voz alta. Para Zumthor (1993, 2007), isso se faz necessário, pois o cordel veio da tradição oral, e a sua vocalização é uma forma de dar-lhe o seu instrumento primário, a voz, agregando-lhe novos sentidos e significados por meio do ato performático.

3 Considerações finais

Tratar a poesia de Patativa do Assaré como instrumento didático para o ensino de história, a partir da perspectiva da História Global, se faz no sentido de contribuir para uma nova forma de pensar o ensino de História do Brasil, desmontando discursos e práticas colonizadoras ainda presentes no processo de ensino e pesquisa. Isso possibilita, aos estudantes, verificar as particularidades do saber produzido e ensinado, verificar a importância da literatura local, desconstruir um olhar de subalternidade e inferioridade, vendo-a ao mesmo tempo como local e global.

A variedade de temas que se quer trabalhar possibilita ver as pluralidades e multiplicidades de assuntos e abordagens que se podem manusear no ensino de história global e como literatura brasileira; e, de uma forma específica, a poesia pode nos ajudar a traçar novos caminhos que possibilitam uma visão mais conectada e entrelaça com o global. Portanto, tal postura teórico-metodológica nos faz ver a poesia de Patativa como fio condutor que nos pode direcionar para uma variedade de temas a serem abordados dentro da sala de aula sobre a história contemporânea.

Referências

ÂNGELO, Assis. **O Poeta do Povo**: Vida e obra de Patativa do Assaré. São Paulo: CPC, 1999. 188p.

ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e Fulô**. São Paulo: Hedra, 2001. 312p.

ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração Nordestina**. São Paulo: Hedra, 2003. 100p.

ASSARÉ, Patativa do. **Aqui tem coisa**. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2004. 252p.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 360p.

ASSARÉ, Patativa do. **Cordéis**. Fortaleza: Editora UFC, 2024. 364p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2025.

BRITO, Antonio Iraldo Alves de. Sonoridade sertaneja: O perfil de Patativa do Assaré. **Revista Trama Interdisciplinar**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 35-57, 2024.

Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/16222>
Acesso em: 23 set. 2025.

BRITO, Antonio Iraldo Alves de. **Patativa do Assaré**: porta-voz de um povo: as marcas do sagrado em sua obra. São Paulo: Paulus, 2010. 200p.

BRITO, Antonio Iraldo Alves de; PINHEIRO, Maria do Socorro. **Um sertão encantado**: homenagem aos 110 anos de Patativa do Assaré. São Paulo: Árvore Digital Editora, 2019. 239p.

BURKE, Peter. **O que é história do conhecimento?** São Paulo: Editora UNESP, 2016. 211p.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. 204p.

CARVALHO, Francisco Gilmar Cavalcante de. **Cem Patativa**. Fortaleza: OMNI Ed., 2009. 216p.

CARVALHO, Francisco Gilmar Cavalcante de. **Patativa do Assaré**: uma biografia. 2017. 104p.

CARVALHO, Alexandre Galvão; GIRARDI, Lucas Werlang; FIGUEIREDO, Carolina Ferreira de. Diálogos entre a História antiga e o ensino de História: a História global no currículo da BNCC do sexto ano. **Revista Transversos**, Rio de Janeiro, n. 23, p.252-274, 2021. DOI: <https://doi.org/10.12957/transversos.2021.62762>

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990. 244p.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, [S. l.], v. 5, p. 173-191, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>

CONRAD, Sebastian. **O que é a história global?** Lisboa: Edições 70, 2019. 311p.
DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Ciclos temáticos na literatura de cordel. In: DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. (org.). **Literatura popular em versos**. São Paulo: Fundação Casa Rui Barbosa/Editora da USP, 1986, p. 27-190.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 422p.

FIGUEIREDO FILHO, José. **Patativa do Assaré**: Novos poemas comentados. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 2005. 158p.

GOMES, Assis Daniel. **Por uma História Global da ciência**: intelectuais, natureza e educação no sertão nordestino. 1. ed. Rio Grande: Editora da FURG, 2025. 98p.

GOMES, Assis Daniel. A hermenêutica simbólica de Paul Ricoeur e a sua contribuição para uma História Global da Mística. **Tear Online**, [S. l.], n. 13, v. 2, 2025, 181-196. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/tear/article/view/3038>
Acesso em: 23 set. 2025.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. Da cantoria ao folheto: o nascimento da literatura de cordel nordestina. **Cadernos de estudos sociais**, Recife, [S. l.], v. 24, n. 2, 2008,

p. 187-200. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1404>
Acesso em: 23 set. 2025.

LACERDA, Franciane Gama; MENEZES NETO, Geraldo Magella de. Ensino e pesquisa em História: a literatura de cordel na sala de aula. **Outros tempos**, [S. l.], v. 7, n. 10, 2010, p. 217-236. Disponível em:
https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/107
Acesso em: 23 set. 2025.

MARTINS, Estevão de Rezende. Consciência histórica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (org.). **Dicionário de ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019, p. 55-58.

MACHADO, Bárbara Araújo. História Global e educação histórica: novas possibilidades metodológicas para o ensino de História. In: CARRI, Luiz Fernando; ANDRADE, Juliana Alves; KLÜPPEL, Giovane de Souza (org.). **A pesquisa no ensino de história em tempos presentes**. Ponta Grossa: Editora da UFRPE, 2023, p. 41-51.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso**: trajetórias da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte, 1926-1982. 2003. 225 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza, 2003. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/44617>
Acesso em: 23 set. 2025.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Rev.Bras. de História**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 143-162, 1993. Disponível em:
https://ia600502.us.archive.org/15/items/revista_v13_elza-nadai-1/revista_v13_elza-nadai-1_text.pdf Acesso em: 22 set. 2025.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. 265p.

NUVENS, Plácido Cidade. **Patativa e o universo fascinante do sertão**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 1995. 262p.

PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 31-45, 2012.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 136p.

PINHEIRO, Maria do Socorro. **A criação poética de Patativa do Assaré**. 2006. 130f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3463> Acesso em: 23 set. 2025.

PINHEIRO, Maria do Socorro. Mulher e erotismo na poesia de Patativa do Assaré. In: BRITO, Antonio Iraldo Alves de; PINHEIRO, Maria do Socorro. **Um sertão encantado**: homenagem aos 110 anos de Patativa do Assaré. São Paulo, SP: Árvore Digital Editora, 2019, p. 99-115.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-142.

RIOS, Kênia Sousa. **Engenhos da memória: narrativas da seca no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária (UFC), 2014. 317p.

VIEIRA, Beatriz de Moraes. História e literatura: múltiplas questões e possibilidades. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 85, p.1-32, 2025. DOI: <http://doi.org/10.1590/S2178-149420250505>

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a "literatura" medieval**. São Paulo: Companhia das letras, 1993. 328p.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 112p.

¹ **Assis Daniel Gomes**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1892-8566>

Historiador, filósofo e teólogo. Pós-doutor em História pela Universidade de Évora /Universidade de Salamanca. Doutor em História pela UFC. Bolsista de Desenvolvimento Científico Regional do CNPq - Nível C. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em História e Letras da UECE- FECLESC. Este texto é fruto da pesquisa financiada pelo CNPq e Funcap.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7165519531747735>

E-mail: zumeboletim@gmail.com; assis.gomes@uece.br

Como citar este artigo (ABNT):

ASSIS, A. D. Seca e migração: a poesia de Patativa do Assaré e o ensino da História Global. **Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional**, v. 7, p. e026010, 2026. DOI: <https://doi.org/10.51281/impa.e026010>

Recebido em 10 de fevereiro de 2026

Aprovado em 23 de fevereiro de 2026

Publicado em 07 de março de 2026